

A FORMAÇÃO DA LEITORA E DO LEITOR (UM VERBETE)

Nilma Lacerda

O pai da menina costumava levar os primos e ela ao eucaliptal de trás, ficando um tempão lá nas histórias, bem no meio do bosque. Tinha uma de uns lobinhos nascendo entre aquelas árvores, e as crianças viviam sempre a expectativa de que aparecessem a qualquer momento, com os focinhos cor de rosa, as patas e as penugens macias deles.¹

O pai, a mãe e a filha. Ana Luísa Escorel,
filha mais velha de Antonio Candido

No Brasil, o ato de ler ganhou a cena pública na última década do século passado, momento de efetiva articulação de políticas públicas voltadas à formação de leitoras e de leitores. Nos anos de 1920 e 1930, em meio aos debates sobre a perspectiva de uma educação pública para toda a população, o pensamento pioneiro de Monteiro Lobato – de que a criança brasileira, além de ser alfabetizada, fosse também leitora de literatura – mostrou-se um ponto de inflexão na história da leitura no Brasil.

Com base nos conceitos fundamentais da leitura literária como nutrição, e não apenas um passatempo, Cecília Meireles (Meireles, 1979, p. 28) manifestou, pouco depois, o mesmo projeto utópico, pelo qual lutou em sua vida de poeta, educadora e pensadora. No exercício de ideias e ações efetivas, tanto Meireles quanto Lobato forneceram terreno para o pensamento arrojado de Antonio Candido, para quem “Uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável” (Candido, 2004, p. 191).

“Poder ler é um direito, ler é exercê-lo”, o que implica ter o que ler, ler o que quiser, da forma que quiser (Britto, 2015, p. 140, 141). Formar leitores e leitoras é parte de um programa democrático de ação, um exercício de contrapoder político (Britto, 2015, p. 141). Formar

¹ ESCOREL, Ana Luísa. **O pai, a mãe e a filha**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010. p. 191. (Cor-de-rosa aparece sem os hifens.)

leitoras e leitores de literatura² é parte de um processo de humanização e justiça, uma atenção ao exercício de subjetividade.

Com plena convicção de que nem a leitura nem a literatura salvam o mundo (Britto, 2015, p. 53; Lacerda, 2023, p. 79, 89), mas, como tantas outras possibilidades de agir, fazem do mundo um lugar mais habitável, deve-se saber do que se fala quando se fala de literatura e de qual é a importância de haver no mundo leitoras de literatura. Estamos no âmago de uma pedagogia da literatura, que se mostra parte de uma pedagogia para a humanidade. Não nascemos humanos, mas nos tornamos humanos, adotando – por imitação dos que nos cercam – a postura ereta, a linguagem, os afetos. Escolhemos, de forma individual e única, as vias de diálogo com a precariedade e incerteza de nossa condição. Dentre tantas vias igualmente válidas, a leitura literária é uma delas. Uma escolha, portanto. Tornar-se leitora de literatura é uma decisão individual, em geral tomada na infância, mas não necessariamente.

Somos seres de diálogo e de narrativas. O diálogo fornece a troca imediata com o outro, as narrativas nos prendem, de forma exemplar, ao curso das experiências humanas. Bem mais do que às lições repetidas e objetivas sobre a vida ou aos limites traçados pela letra da lei, são as histórias, os poemas, as preces, as letras de músicas, as imagens narrativas que nos conectam com os princípios da humanidade: benevolência, empatia, solidariedade, senso de justiça, sensibilidade. *Chapeuzinho Vermelho*, *João e o pé de feijão*, *A pequena sereia*, *Alice no país das maravilhas*, *Guilherme Augusto Araújo Fernandes*³ são histórias que oferecem à leitora o caminho de uma transgressão, ou de uma perda, e o conflito inerente, no qual diversas peripécias levam ao desenlace, em que pode estar ou não o porto seguro almejado.

Conforme o pensamento de Jerome Bruner, educador e psicólogo cultural, “uma grande narrativa nos convida a colocar problemas; não é sua função dizer como devemos resolvê-los. Ela nos fala de uma situação de crise, do caminho a percorrer e não do abrigo ao

² No corpo deste verbete, o gênero feminino estará mais presente, de vez que é majoritário o número de mulheres empenhadas na alfabetização e na formação de leitoras e leitores, como é também – ao longo da História – maior o número de meninas e mulheres excluídas dessa prática cultural.

³ As narrativas evocadas encontram-se facilmente em bibliotecas e livrarias, em edições variadas. *Guilherme Augusto Araújo Fernandes*, obra de Mem Fox, ilustrações de Julie Vivas, tradução de Gilda de Aquino, foi publicado em 1995, pela Brinque-Book, em São Paulo.

qual conduz (Bruner, 2010, p. 22)”. No desenrolar de uma história, portanto, são os obstáculos e a maneira como as personagens os enfrentam que contam, pois recriam, em processo de mimese, a vida humana e seus percalços. Ao fim, a resiliência da espécie lá está, em generosa partilha com a leitora. Isso é a literatura. Ou uma das possibilidades da literatura, arte da palavra, oral ou escrita, que nasce do espanto com a vida, em suas infinitas possibilidades de realização.

Ler literatura ou ouvir literatura – no caso das crianças ainda não alfabetizadas, principalmente – envolve afeto e trabalho. A primeira condição é provocada na ouvinte pela própria narrativa ou pelo comportamento de quem lê, e a segunda cumpre-se, em diferentes escalas, por todas as pessoas envolvidas no ato de ler. O apelo à imaginação durante as cenas narradas, a construção de sentidos – que mesmo os bebês já podem e devem realizar dentro de seus limites –, a percepção da cadência e articulação das palavras na construção de uma experiência que foge a uma necessidade imediata, aí está a constituição de um processo que só se alcança por meio do *desejo*.

Ninguém escuta ou lê uma história se não desejar fazê-lo. Gerar esse desejo em outra pessoa carece de um saber específico, igualmente fundado em um desejo específico. Sem envolver regras ou expor um protocolo determinado, formar uma leitora inscreve-se numa conduta humana peculiar, na qual o procedimento básico é ser a pessoa, ela mesma, uma leitora. Um axioma dos mais conhecidos sobre o assunto diz que “só uma leitora forma outra leitora”, pois, como prática cultural, ler se faz pelo exemplo. Aquela que lê é observada em sua atitude e aí *admirada*, isto é, olhada com prazer ou interesse. Pode-se dizer, de forma muito verdadeira, que ler se aprende vendo outras pessoas lendo.

Uma professora que não leia literatura, uma família em que os adultos não tenham livros à mão, não façam referências a livros e a leituras, o prazer que causaram, a reflexão que produziram, a lembrança que deixaram, dificilmente serão capazes de formar crianças leitoras. Felizmente, como somos seres únicos e não peças industriais, mesmo na falta das condições oportunas poderá surgir uma leitora. Uma situação fortuita qualquer, a

intervenção inesperada de uma vizinha, uma amiga, a bibliotecária da escola, uma pessoa da igreja pode iniciar esse processo em um indivíduo que tenha em si a propensão para a escolha da literatura como sua forma de estar no mundo. Nesse caso, quem age é, de certa forma, o acaso. É importante frisar, no entanto, que ninguém se torna leitora sozinha. É preciso uma *rede*, em que circulem pessoas e objetos impressos, para que as leitoras aconteçam (Hébrard, 2001). Como relata o escritor Graciliano Ramos em seu livro de memórias, *Infância* (1945), o menino, ainda não devidamente alfabetizado e conhecedor apenas de cartilhas, é apresentado a um livro de aventuras, de difícil compreensão para ele, mas que se esclarece à medida que o pai exerce a tarefa de mediar a leitura, ou seja, de ajudar a ler, explicar o discurso que tem à frente (Ramos, 1986, p. 201). Nesse contato, a experiência o fascina e faz dele um leitor.

Apesar de mudanças significativas em nossa sociedade, o Brasil apresenta-se ainda como um país de extremas desigualdades. O livro é item supérfluo em surpreendente quantidade de famílias e, à exceção do livro didático, o contato com objetos impressos é, muitas vezes, rarefeito. Na mesma proporção, tempo é artigo escasso para um número extraordinariamente alto de indivíduos. Sem tempo livre não se lê, não se conta história. Um tempo alienado a condições injustas de trabalho e de vida prejudica o indivíduo em sua experiência integral da cultura humana, na fruição da arte, por exemplo.

A perspectiva de um trajeto voltado à melhora das condições sociais é base para o crítico Silviano Santiago afirmar que, no Brasil, o escritor é um ser visionário, que “tem visões – no caso literárias e políticas –, que significam que a situação socioeconômica e educacional do país não será para sempre a mesma. Ela pode e vai melhorar (Santiago, 2004, p. 72)”. Não só escritores e escritoras têm essas visões: as professoras brasileiras, em sua maioria, miram o futuro, construindo-o no agora de suas ações, dentre as quais a formação de leitoras e leitores. Nesse desenho, Daniel Goldin, outro pensador latino-americano, é muito bem-vindo: “Mas é difícil abandonar a esperança na educação, que talvez não seja nada além da prática da esperança de fazer do mundo um lugar mais habitável (Goldin, 2012, p. 18)”.

Literatura, leitura oferecem hospitalidade, conceito também presente no pensamento da escritora nigeriana Chimamanda Adichie. Em *O perigo de uma história única*, ela ressalta a necessidade de haver muitas histórias à disposição de ouvintes ou de leitoras, no acolhimento da complexidade e diversidade inerente a tudo que nos cerca (Adichie, 2019). Uma única história constitui, a seu ver, um perigo, por representar apenas um aspecto de uma existência ou de uma situação, em inevitável mutilação da realidade.

A leitora que queremos formar terá a seu alcance a multiplicidade de perspectivas pelas quais a cultura indígena pode ser reconhecida em *Histórias de índio* (1996), de Daniel Munduruku; poderá ouvir a voz dos que nunca puderam contar a história do seu jeito no poema de Cora Coralina, *O prato azul-pombinho* (2010). A poeta de Goiás traz à tona, na história de um prato que se quebra, os castigos desumanos infligidos às pessoas escravizadas. *Bisa Bia, Bisa Bel* (1981), de Ana Maria Machado, multiplica por três gerações o exercício de viver, expondo as diferenças radicais de costumes e valores entre elas, enquanto Otávio Júnior abre à leitora um pequeno panorama de uma comunidade no Rio de Janeiro em *Da minha janela* (2019).

A literatura, como bem evidencia Roland Barthes, oferta – pelos princípios a ela intrínsecos – a mais completa compreensão e o mais abrangente aprendizado do viver humano. Ler *Robinson Crusóé* (Barthes, 1988, p. 18) é apropriar-se dos conhecimentos de múltiplas áreas em determinada época da história humana. Não é fácil fazer essa leitura, mas também não é difícil. Enfiadas como contas, uma atrás das outras, e nos lugares certos, as palavras levantam na mente um universo que só à arte, à literatura, no caso, é dado criar e partilhar com quem o leia.

Sempre é bom ressaltar que leitura não é um ato banal, conforme atesta Lucio Carvalho, escritor e editor, afirmando que “A leitura pode ser a melhor companhia em alguns momentos da vida, o melhor dos prazeres, mas ela NÃO FUNCIONA como um app de telefone. Não basta dar um coraçãozinho na capa de um livro para que ela se realize. Dá muito trabalho” (Carvalho, 2024). Pensamento oportuno, porém ignorado com frequência – o

que dá margem a equívocos sérios em termos de pretensas ações leitoras –, mantém a sintonia com o esclarecimento capital de Antonio Candido:

a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza (Candido, 2004, p. 186).

Temos bem clara, portanto, a justificativa para o empenho em trabalho de caminho ingrato e resultados incertos. Tarefa que não resulta de um saber científico, fundado em passos determinados e consequentes, mas que se realiza com base em princípios de humanidade e justiça, a formação de crianças leitoras, ou mesmo de adultos leitores de literatura, conta necessariamente com decepções e incertezas. Ou talvez se resuma num quefazer precedente que consiste em “oferecer oportunidades para que a pessoa vivencie a literatura como experiência e possa decidir se quer ou não incorporar essa experiência à sua vida” (Lacerda, 2023, p. 74).

A imprevisibilidade nos resultados de nosso trabalho será, portanto, a mesma que presidiu os cuidados de Caio Fernando Abreu com os girassóis do jardim da casa dos pais, machucados por um pintor descuidado e uma tempestade cruel? O escritor fez tudo o que pôde para salvar um girassol ferido e quebrado, mas

Durou pouco, girassol dura pouco, uns três dias.
Então joguei-o, pétala por pétala, depois o talo e a corola entre as alamedas da sacada, para que caísse no canteiro lá embaixo e voltasse a ser pó, húmus misturado à terra. Depois, não sei ao certo, talvez voltasse à tona fazendo parte de uma rosa, palma-de-santa-rita, lírio ou azaleia, vai saber que tramas armam as raízes lá embaixo, no escuro, em segredo (Abreu, 2014, p. 94).

Vá lá saber quando nasce uma leitora, em que momento e por que razões uma criança, uma jovem ou um adulto opta por ter a seu lado a laboriosa mediação das palavras na aventura de viver. Do princípio ao fim, a existência humana é um enigma e caminhar ao lado das personagens – seres feitos de palavras, mas construídos no exemplo e na realidade humana – nos permite construir nossas próprias respostas para esse enigma.

Como o girassol de Caio, guardamos em nós o segredo de tramas possíveis (e impossíveis). Arte de fazer que se herda mais do que se aprende (Hébrard, 2001, p. 37), a leitura é uma prática cultural e leitoras são formadas em meio à vivência dessa prática.

LACERDA, N.

Situado para bem além de um verbete, o ato de formar uma leitora mostra-se uma *arte de fazer*.

REFERÊNCIAS:

ADICHIE, C. N. **O perigo de uma história única**. Trad. Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ADICHIE, C. N. **The danger of a single story**. Disponível em https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story?geo=pt-br Acesso em 29/07/2024.

ABREU, Caio Fernando. **Girassóis**. Il. Paulo Portella Filho. São Paulo: Global, 1997.

BARTHES, R. **Aula**. Aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França pronunciada dia 7 de janeiro de 1977. Trad. e posfácio de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1988.

BRITTO, L. P. L. **Ao revés do avesso**; leitura e formação. São Paulo: Pulo do Gato, 2015.

BRUNER, J. **Pourquoi nous racontons-nous des histoires?** Le récit au fondement de la culture et de la identité. Trad. de l'anglais par Yves Benin. Paris: Retz, 2010.

CANDIDO, A. O direito à literatura. In: _____. **Vários escritos**. 4. ed. reorganizada pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul; São Paulo: Duas Cidades, 2004. p. 169-191.

CARVALHO, L. Essa imagem do meu filho... Facebook, postagem pública, 9/06/2024. Acesso em 29/07/2024.

GOLDIN, D. **Os dias e os livros**; divagações sobre a hospitalidade da leitura. Tradução Carmen Cacciaccaro. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.

HÉBRARD, J. O autodidatismo exemplar. Como Valentin Jamerey-Duval aprendeu a ler. CHARTIER, Roger, dir. **Práticas da leitura**. Iniciativa Alain Paire. Trad. Cristiane Nascimento. Introd. Alcir Pécora. 2. ed. rev. 1 reimp. São Paulo: Estação Liberdade, 2001. p. 35-73.

LACERDA, N. **Cartas do São Francisco**: novas e antigas conversas. 4. ed. Brasília, DF: Matizes Dumont / ICAD, 2023.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da literatura infantil**. 2. ed. São Paulo: Summus, 1979.

RAMOS, G. **Infância**. 23. ed. Posfácio Octavio de Faria. Il. Darcy Penteado. Rio de Janeiro: Record, 1986.

SANTIAGO, Silviano. **O cosmopolitismo do pobre**: crítica literária e crítica cultural. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

SOBRE A AUTORA

Nilma Lacerda é doutora em Letras, com pós-doutorado em História Cultural. Escreve ficção que adultos leem, ficção que crianças e jovens também podem ler, ensaios e obras de cunho acadêmico. Foi professora da Universidade Federal Fluminense e, em sua carreira literária, tem recebido vários prêmios e distinções, dentre os quais o Prêmio Jabuti, o prêmio Rio e o selo White Ravens. Com obras publicadas na América Latina, é também tradutora e colaboradora de periódicos literários.

www.nilmalacerda.com.br

<https://www.instagram.com/nilmaglacerda/>

<https://www.facebook.com/nilmalacerdaescritora/>